



A Máfia ítalo-americana e a imprensa dos Estados Unidos: uma análise da Família Bonanno nas páginas do *New York Times*¹

Pedro Henrique Jardim Tavares²

Antônio Carlos Hohlfeldt³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O presente trabalho irá abordar a representação da Máfia ítalo-americana na imprensa dos Estados Unidos. Tomando por base a Família Bonanno, uma das cinco principais organizações criminosas de origem italiana na cidade de Nova York, e o jornal *The New York Times*, este artigo pretende estudar os efeitos que as reportagens deste jornal exerceram sobre a opinião pública norte-americana nas décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: Máfia; Estados Unidos; Itália; *The New York Times*; Bonanno.

Introdução

Este artigo foi produzido a partir de uma monografia apresentada pelo autor como trabalho de conclusão do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Quando a máfia de origem italiana chegou aos Estados Unidos, suas ações começaram a interferir no funcionamento da sociedade americana, com atividades que envolviam tráfico de drogas e outros tipos de contrabando, prostituição e altos índices de violência. Além de Joseph Bonanno e *Lucky Luciano*, em Nova York, grande chefes, como Al Capone, em Chicago, fizeram enormes fortunas com negócios ilícitos. Este trabalho visa interpretar qual foi a reação da opinião pública dos Estados Unidos a este fenômeno, a partir das páginas do jornal *The New York Times*.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-RS, email: pedrohjtavares@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUC-RS, email: hohlfeld@puhrs.br



A chegada da Máfia siciliana nos Estados Unidos

O primeiro registro do uso da palavra *máfia*, organização criminosa oriunda da região da Sicília, na Itália, ocorre no ano de 1863, segundo Max Gallo (1972). Aconteceu na peça de teatro intitulada *I Mafiusi di la Vicaria*, na qual foram mostradas as aventuras dos presos da prisão de Palermo. Em 1868, aparece o primeiro registro da palavra nas páginas de um dicionário. Salvatore Lupo (1996) pontua: *Portanto, é sobretudo a Máfia que descreve a si mesma como costume e comportamento, como expressão da sociedade tradicional. Todo mafioso eminente insiste em apresentar-se sob as vestes do mediador e do pacificador de controvérsias* (LUPO, 1996, p. 27).

Com a primeira onda de imigrantes italianos para os Estados Unidos, no fim do século XIX, a Máfia pisou em solo norte-americano (NICHOLAS GAGE, 1971). Entre os anos de 1901 e 1914, mais de 800 mil sicilianos chegaram aos Estados Unidos (LUPO, 1996). Lupo mostra que, com o tempo, a emigração entre os dois países torna-se algo comum. Neste cenário, reencontram-se no *novo mundo* condenados e foragidos provenientes da Sicília, reagrupando-se e dividindo-se na trama de relações. Segundo o autor, ir para os Estados Unidos tinha o mesmo significado de exílio para os mafiosos.

Com a migração, começaram as dificuldades de adaptação. Para Gallo, a maior parte dos migrantes sofria ao tentar reconstituir sua vida regional, na qual habitantes de uma mesma cidade se reuniam. Esses agrupamentos se tornavam a única maneira de resistência a um meio indiferente, hostil, incompreensível.

Outros criavam bandos de foragidos. Muitos daqueles que constituíam tinham saído da Sicília, da Itália, perseguidos pela justiça. A América era a inocência reencontrada. E eles começaram a explorar seus compatriotas (GALLO, 1972, p. 31).

É neste cenário que nasce a Mano Nera⁵, como relata Gallo. A organização era baseada em uma confluência de correntes anarquistas, de tradições mafiosas e fruto da situação marginal de dezenas de milhares imigrantes italianos não integrados na sociedade norte-americana.

O primeiro grande incidente que trouxe a Máfia à tona, nos Estados Unidos, de acordo com Lupo, foi a morte, em uma emboscada, do Capitão Dave Hennessy, da polícia de Nova Orleans. Na ocasião, dezoito sicilianos foram acusados mas posteriormente absolvidos no tribunal. De acordo com Gallo, foi a primeira vez que os



termos *Máfia* e *Omertà* apareceram na imprensa dos Estados Unidos, por meio do New York Herald Tribune.

No entanto, apesar de os italianos terem influenciado diretamente no crime organizado dos Estados Unidos, Peter Maas enfatiza que não foram os italianos que criaram o crime organizado, nem mesmo inseriram tal prática em território norte-americano:

Na verdade, quando a primeira grande leva de imigrantes italianos chegou nos fins do século dezenove, encontrou um submundo florescente então, principalmente dos irlandeses e dos judeus, apesar de quase todo grupo étnico ter feito uma incursão por ele em uma ou outra ocasião, inclusive as tradicionais famílias americanas, como os rapazes James. Mas o que um número muito pequeno destes italianos recém-chegados – principalmente de Nápoles, da Calábria e da Sicília – trouxeram foi uma dedicação ao *clan*, desprezo pela autoridade constituída e um talento para a organização que lhes permitia finalmente dominar as atividades de extorsão nos Estados Unidos (MAAS, 1968, p. 53).

Na década de 1960, existiam entre vinte e cinco a trinta famílias da Cosa Nostra em território norte-americano, com tamanhos variáveis. O quadro de membros era estimado em cerca de 5.000 homens, que cobriam todas as regiões dos Estados Unidos (MAAS, 1968). *O número de Famílias é impreciso devido à dificuldade de estabelecer a independência precisa das menores, que podem ter apenas 20 ou 30 membros* (MAAS, 1968, p. 214).

Gage relata que as guerras entre os líderes da Máfia foram responsáveis pelas mudanças mais significativas na organização. Em 1930, começou uma luta na cidade de Nova York, envolvendo as quadrilhas chefiadas por Joe Masseria e Salvatore Maranzano, dois ambiciosos homens nascidos na Itália. Ainda de acordo com Gage, os homens de Masseria conseguiram convencer um de seus homens, Salvatore Luciano, conhecido como *Lucky* Luciano, a trair o chefe e assassiná-lo. Com a morte de Masseria, líderes mafiosos de outras cidades aceitaram por um fim ao confronto.

Salvatore *Lucky* Luciano assumiu, então, extra-oficialmente, a liderança. Instituiu reformas, como a criação do cargo de *consigliere* (conselheiro), que servia de mediador e acabava com disputas internas. Ajudou também a formar a Comissão Nacional de chefes mafiosos, que arbitravam rixas entre famílias, confirmavam o compromisso de novos chefes e mantinham os grupos mafiosos operando facilmente, com pleno êxito (GAGE, 1971).

Lupo estuda o protagonismo que as cinco famílias de Nova York (Bonanno, Luciano, Gambino, Reina, Profaci) tiveram para a criação de tal comissão.



Uma exceção é Salvatore Maranzano, desembarcado em 1927 com a idade de 43 anos e que rapidamente se tornou um *boss*, em consequência certamente de um poder já construído em Castellammare del Golfo, sua terra natal. Fontes americanas indicam nos anos 20 um momento importante de uma imigração já mafiosa (LUPO, 1996, p. 39).

De acordo com Gage, as principais atividades da Máfia, nos Estados Unidos, dividiam-se entre jogos ilegais, narcotráfico, prostituição e agiotagem. A influência mafiosa chegava, inclusive, aos negócios legítimos.

Os *gangsters* de hoje investem em tudo, desde os toalheiros às boutiques, às companhias de roupas feitas e fábricas de alimentos em conserva. Infelizmente, os novos empresários não hesitam em usar os métodos que consideraram tão efetivos no submundo, a fim de obter altas vendas, novos fregueses e talvez um monopólio comercial. A vítima é sempre o consumidor. Sem de nada suspeitar, ele é o único que paga preços mais altos por mercadorias e serviços inferiores (GAGE, 1971, p. 159 e 160).

O estereótipo em torno do ítalo-americano

O lançamento das memórias de Joseph Valachi, em 1968, um dos membros da Família Bonanno, trouxe o debate sobre a imagem dos descendentes de italianos nos Estados Unidos perante os demais norte-americanos, como conta Maas.

No entanto, devido à revelação da publicação do livro, por meio da Associated Press, o jornal ítalo-americano Il Progresso, publicou um editorial denunciando a publicação das memórias do mafioso arrependido. Uma cópia do editorial foi enviada a todos os senadores ítalo-americanos. A argumentação é de que o livro caluniava todos os descendentes de italianos (MAAS, 1968). *P. Vincent Landi, que representava a Ordem dos Filhos da Itália na América, declarou ser uma questão de direitos civis os ítalo-americanos terem uma imagem apropriada* (MAAS, 1968, p. 15).

Inicialmente tratada como marginal, como escreveram Gallo e Lupo, décadas depois da chegada dos primeiros imigrantes, a comunidade italiana gozava de prestígio, no início dos anos 1970 nos Estados Unidos, como relatou Gage.

Outro caso a ser destacado aconteceu no dia 19 de março de 1971, quando o produtor Albert S. Ruddy, do filme *O poderoso Chefão*, baseado no romance escrito por Mario Puzo sobre a Máfia, anunciou que as palavras *Máfia* e *Cosa Nostra* não seriam mencionadas no longa-metragem (GAGE, 1971).

Gage conta que a declaração de Ruddy foi aplaudida como vitória pela Liga Ítalo-Americana. Entretanto, nem todos os ítalo-americanos pensavam da mesma forma, como era o caso do senador John Marchi.



A censura do roteiro do filme era um “monstruoso insulto a milhões e milhões de leis americanas de origem italiana”, escreveu o senador ao Sr. Ruddy. “Pelo visto, o senhor é um mercado sensível à absurda teoria da Liga, segundo a qual podemos exorcizar demônios retirando-os simplesmente da língua inglesa”. E prosseguiu: “Sim, Sr. Ruddy, deve existir uma Máfia, e se o senhor foi influenciado, tenho a impressão de que os ítalo americanos, bem como mais amplas camadas da comunidade, também o foram.” (GAGE, 1971, p. 29).

Mesmo assim, Gage mostra que diversos setores defendiam que os termos *Máfia* e *Cosa Nostra* deveriam ser eliminados do dicionário, não porque constituíssem insultos, mas porque perpetuavam um mito.

Para compreender o estereótipo criado em torno dos imigrantes italianos nos Estados Unidos, é necessário voltar ao século XIX, quando aconteceu a unificação italiana (JOÃO FÁBIO BERTONHA, 2005). E, para entender a formação deste estereótipo, devemos trazer o conceito elaborado por Walter Lippmann (2008):

Se não podemos compreender completamente os atos de outras pessoas até que conheçamos o que elas pensam, então para fazer justiça temos que apreciar não somente a informação que tem estado à sua disposição, mas as mentes através das quais foram filtradas. Para os protótipos aceitos, os padrões correntes e as versões padrões interceptam a informação em seu caminho à consciência. A americanização, por exemplo, é superficialmente ao menos a troca dos estereótipos americanos pelos europeus (LIPPMANN, 2008, p. 88).

De acordo com Bertonha, após a saída dos franceses comandados por Napoleão Bonaparte, o processo de unificação começou. Diante disso, era nítida a divisão entre os estados italianos, polarizados entre o norte e o sul. Ainda aparecem como destaque as lutas de homens como Giuseppe Garibaldi e Giuseppe Mazzini, ambos defensores de uma república, além de Camilo Benso (conde de Cavour), que sustentava um reino em torno da família Savóia, tornando a Itália um prolongamento do Piemonte.

Neste cenário, a Máfia, oriunda da Sicília, era vítima direta da divisão entre o norte e o sul da Itália (BERTONHA, 2005). *O problema da Máfia também era e é continuamente recordado como uma das doenças do Sul* (BERTONHA, 2005, p. 68).

Nos Estados Unidos, que recebeu 32,4 milhões de imigrantes italianos, entre 1846 e 1932, os italianos eram vítimas de racismo. Para os norte-americanos, a preferência era pela atração de europeus germânicos e anglo-saxões. Neste caso, podemos recuperar as palavras de Lippmann: *Para os protótipos aceitos, os padrões correntes e as versões padrões interceptam a informação em seu caminho à consciência* (LIPPMANN, 2008, p. 88).

Aos italianos eram atribuídos diversos estereótipos: pouco higiênicos, com padrões morais pouco elevados (violentos, devassos, delinquentes, entre outros) e



subversivos (BERTONHA, 2005). *O que havia era uma imensa generalização e, em especial, a atribuição à raça como fonte última de todos os defeitos dos italianos* (BERTONHA, 2005, p. 98). Continua o pesquisador:

Os próprios hábitos culturais e religiosos dos imigrantes italianos causavam estranheza entre os anglo-saxões e germânicos, e a forte presença da Máfia nos Estados Unidos (apesar de também existirem gângsteres irlandeses, ingleses e, em especial judeus) também ajudou a denegri-los, em particular os do Sul, como povo (BERTONHA, 2005, p. 98).

A identidade italiana nos Estados Unidos foi aparecer com força a partir da criação da Liga Ítalo-americana de Direitos Civis, fundada por um membro da Cosa Nostra, Joseph Colombo. Este grupo, porém, não incluía apenas homens ligados à Máfia. A Liga recebeu considerável apoio de milhões de pessoas, sem quaisquer ligações com o submundo do crime. Muitas delas acreditavam, honestamente, que a Máfia era uma organização criada pelos meios de comunicação e departamentos de segurança (GAGE, 1971).

A influência de Joseph Colombo sobre a comunidade ítalo-americana pode ser observada em um episódio do início da década de 1970 quando seu filho, Joseph Colombo Jr., de 23 anos, foi preso por agentes federais, acusado de formação de quadrilha com outros jovens (GAY TALESE, 1971):

O velho Colombo, que via no filho um jovem empresário legítimo que estava sendo vitimado por uma armação, organizou uma passeata em Manhattan. Os manifestantes fizeram um protesto diante da sede do FBI, na rua 69 com a Terceira Avenida, levando faixas e gritando palavras de ordem, segundo as quais as autoridades de segurança estavam praticando uma vendeta contra os ítalo-americanos, difamando todo um grupo étnico patriota e cumpridor da lei, ao usar palavras como *Máfia* e *Cosa Nostra* (TALESE, 1971, p. 460).

A ação obteve efeito na imprensa. Gay Talese destaca que, nos meses seguintes, embora a palavra Máfia continuasse a ser usada pelo The New York Times, aparecia com menos frequência, ao ser substituída por “família do crime organizado”.

Além disso, o jornal passou a publicar certos artigos aprovados pelo sr. Joseph Colombo. Um deles, aliás bem longo, sobre a própria Liga. Esse artigo, embora não deixasse de mencionar as acusações criminais contra Colombo, concentrou-se no crescimento da Liga, em seus objetivos, em suas campanhas de arrecadação para fins beneficentes, suas contribuições para entidades de bairros negros e hispano-americanos, seus programas de esclarecimento contra drogas e sua íntima ligação com a Liga de Defesa Judaica (TALESE, 1971, p. 465).

Bill Bonanno (1999), filho de Joseph Bonanno, aponta para o uso do termo *Máfia* pela mídia. Ele avalia que *Máfia* é uma palavra ficcional, implantada pelos



jornais na opinião pública, enquanto *mafiosi*, do italiano, é um termo que se aplica realidade destes grupos:

Para que não haja qualquer confusão, há uma real distinção a ser feita entre os termos *Máfia* e *mafiosos*. O primeiro é um termo ficcional que convenientemente foi usado pelas autoridades e pelos meios de comunicação como um nome de uma conspiração criminosa organizada, com centro em todo o mundo. O último termo está enraizado, na realidade, no caráter e valores dos homens e mulheres que eram moradores da Sicília e construtores de sua história. Alguns desses mafiosos tornaram-se membros de uma sociedade secreta ou de outra, emigraram para os Estados Unidos, e formaram Famílias (BONANNO, 1999, p. 5).⁴

A Família Bonanno

Para entender como a Máfia era representada pela opinião pública dos Estados Unidos, será utilizada a Família Bonanno e sua constante aparição nas páginas do The New York Times, entre as décadas de 1960 e 1980. Segundo Gage, os Bonanno eram um dos grupos com maior influência no crime organizado de Nova York. Também é necessário mencionar o fato de que um dos membros da família, Salvatore “Bill” Bonanno, foi biografado pelo jornalista norte-americano Gay Talese, em livro lançado em 1971. Bill Bonanno também publicou uma autobiografia em 1999. Seu pai, Joseph Bonanno, igualmente editou uma obra que trouxe os relatos de sua vida, em 2003.

Durante seu primeiro ano nos Estados Unidos, segundo Talese, Joseph Bonanno ligou-se aos mafiosos do Brooklyn, que vinham ganhando muito dinheiro. Em pouco tempo, Joseph Bonanno já era considerado um líder em potencial. Inicialmente, sua aceitação era resultado do peso de seu nome, mas seu instinto de liderança e organização foi reconhecido com o tempo:

Bonanno aumentou enormemente a venda de uísque, depois de visitar em pessoa os donos dos bares, e fazia isso sem recorrer a ameaças ou pressões. Usava suas maneiras corteses e sua boa aparência, e dava crédito barato aos bares que tivessem sido alvo das atenções da polícia. Estendeu a loteria italiana a outras áreas do Brooklyn e investiu o dinheiro que ganhava em diversos negócios – fábricas de roupas, queijarias, uma agência funerária – e ocultava tão habilmente seus ganhos totais que nunca teria sido condenado por sonegação de impostos (TALESE, 1971, p. 207).

Com morte de Joe Masseria e o posterior assassinato de Salvatore Maranzano (inimigo de Masseria durante a Guerra *Castellammarese*), uma Comissão Nacional foi criada por Lucky Luciano. Em Nova York, foram estabelecidas cinco famílias, chefiadas por Lucky Luciano, Vincent Mangano, Gaetano Gagliano, Joseph Profaci e Joseph

⁴ Tradução livre.



Bonanno. Aos 26 anos, Joe Bonanno era o mais jovem chefe entre os Dons da rede nacional (TALESE, 1971).

A imprensa dos Estados Unidos começou a dar atenção à Família Bonanno na década de 1960. Segundo reportagem publicada pelo The New York Times, em 22 de dezembro de 1964, Joseph Bonanno era apontado como um dos chefes da Máfia, também conhecida como Cosa Nostra, com atividades em Nova York, assim como no estado do Arizona. *Bonanno, ou Joe Bananas, é um chefe da máfia que é suspeito de controlar negócios ilícitos no Arizona, assim como em Nova York* (THE NEW YORK TIMES, 1964, p. 1).⁵

O episódio que colocou a Família Bonanno em evidência, porém, aconteceu na década de 1960 e ficou conhecido pela opinião pública como *Guerra dos Bananas*. Depois que John Tartamella, um dos membros da Família e o terceiro homem na linha de comando dos Bonanno, sofreu um derrame no ano de 1964, uma eleição foi organizada para que um novo *consigliere*⁶ fosse eleito. Bill Bonanno, filho mais velho de Joseph Bonanno, foi o vencedor. Bill Bonanno relata que um dos membros do grupo, Gaspar DiGregorio, não ficou satisfeito com a situação.

DiGregorio rompeu com os Bonanno e se aliou a Steve Maggadino, primo e inimigo de Joe Bonanno. Com influência na Comissão, Maggadino conseguiu colocar DiGregorio como líder dos Bonanno, aproveitando que Joe Bonanno estava desaparecido na época. A incerteza acerca do paradeiro do *boss* dividiu a Família em duas facções, sendo a de DiGregorio reconhecida pela Comissão Nacional (TALESE, 1971).

Talese descreve que os dois grupos entraram em guerra até o ano de 1966, quando foi estabelecido um acordo para que o poder voltasse às mãos de Joseph Bonanno. De acordo com Bonanno, em abril de 1968, um membro da Família Bonanno foi morto em Coney Island, por um pistoleiro da Família Colombo, antiga Família Profaci. A retaliação veio dias depois, com a morte de Charley LoCicero, da Família Colombo. Com o incidente, Carlo Gambino contatou Joseph Bonanno para pedir paz. *Meu pai então nomeou um comitê de negociação, que incluía, além de mim, Joe Bayonne e Vito DeFilippo, para entrar em conversações com Gambino e líderes de outras Famílias* (BONANNO, 1999, p. 234).⁷

⁵ Tradução livre.

⁶ Era o conselheiro do chefe de Família, que atuava como homem de confiança (TALESE, 1971).

⁷ Tradução livre.



Nós trabalhamos em detalhes formais o que meu pai já tinha acordado com Gambino. A guerra acabou, não haveria ressentimentos, sem atos de retaliação de qualquer parte. Nós concordamos que após esta declaração formal da unidade, meu pai iria anunciar oficialmente a sua intenção de se aposentar e nomearia uma nova administração para a Família, e que esta nova administração - ninguém do lado de fora – teria a autoridade para fazer as mudanças que fossem apropriadas para a Família (BONANNO, 1999, p. 235).⁸

Em 1969, Bill Bonanno foi condenado a quatro anos de prisão pelo roubo de um cartão de crédito. Tanto durante, quanto nos anos seguintes à condenação pelo roubo do cartão de crédito, Bill Bonanno conta que 14 grandes júris foram formados para investigar as atividades da Família Bonanno:

Praticamente não houve um dia, desde então, em que meu pai, meu irmão, ou eu não tivéssemos, de uma forma ou outra, sido colocados contra o sistema legal – quer fosse por indiciamento, à espera de julgamento, sendo julgados, ou em liberdade vigiada (BONANNO, 1999, p. 255).⁹

Depois de cumprir pena, Joseph Bonanno faleceu no dia 1º. de maio de 2002, aos 97 anos. Seu filho, Salvatore “Bill” Bonanno, morreu em 1º. de janeiro de 2008, com 75 anos (TALESE, 1971).

O New York Times e a opinião pública

Fundado em 1851 por Henry Jarvis Raymond e George Jones, o The New York Times surgiu como um sucesso no outono daquele ano (TALESE, 1971). O crescimento do periódico foi rápido. A circulação do Times chegou aproximadamente a 10 mil exemplares dentro de uma quinzena, 26 mil em um ano, chegando a 40 mil em 1857. Em 1861, com a Guerra Civil, a tiragem chegou a 75 mil exemplares. A guerra aumentou o interesse dos leitores pelas notícias, tornando sua divulgação mais rápida e criando as edições dominicais. No Times, a primeira edição de domingo saiu na primavera de 1861, dez anos depois da fundação do jornal (TALESE, 1971).

Comprado por Adolph Ochs em 1896, o Times foi um jornal que não escapou da autocrítica. Um de seus editores, Theodore Bernstein, foi autor de um boletim semanal interno chamado de *Vencedores e Pecadores*. Na publicação, Bernstein apontava as melhores e as piores matérias publicadas, além da enumeração de regras gramaticais. Em determinada ocasião, a repórter Charlotte Curtis escreveu a seguinte frase: *Os*

⁸ Tradução livre.

⁹ Tradução livre.



MacDonnel são como os Kennedy. São católicos irlandeses ricos (TALESE, 1971, p. 122).

Bernstein advertiu Curtis:

Omita designações raciais, religiosas ou nacionais, exceto se tiverem alguma relevância para a notícia ou façam parte do agregado biográfico, como num obituário ou em *Homem na notícia*. Talvez seja um tributo aos irlandeses que a expressão *católico irlandês* não pareça ofensiva, mas você escreveria *judeus russos ricos*? (TALESE, 1971, p. 122).

O agendamento da opinião pública

Para compreender o retrato que o The New York Times fez da Máfia Ítalo-americana, é preciso compreender a *Teoria do Agendamento*. Como relatado por Nelson Traquina (2001) e Antônio Hohlfeldt (2008), a Teoria do Agendamento (*agenda-setting*, em inglês) foi exposto pela primeira vez em um artigo de uma revista acadêmica norte-americana por Maxwell McCombs e Donald Shaw, em 1972.

Em relação a este estudo, Mauro Wolf (2003) cita Donald Shaw:

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW, 1979, p. 1996).

Hohlfeldt destaca a hipótese do agendamento em um estudo realizado a partir da cobertura do caso de Watergate:

Aliás, pode-se tomar, na própria aplicação da hipótese do agendamento, um estudo, hoje referencial, de Gladys Engel Lang e Kurt Lang, que buscaram aplicar o princípio do agendamento à situação histórica do episódio de Watergate, nos Estados Unidos. A questão que os pesquisadores se colocavam era esta: se a hipótese de agendamento é viável, como explicar que, apesar de todo o conjunto de denúncias desenvolvidas por The Washington Post, ao longo de 1972, o então presidente Richard Nixon chegasse a se reeleger com percentuais altamente significativos para sofrer um processo de impeachment pouco tempo depois, o que o levaria à renúncia, a fim de não ser derrubado do poder pelo Congresso? (HOHLFELDT, 2008, p. 189).

Para tal, Hohlfeldt destaca três pressupostos de *agendamento*: o fluxo contínuo de informação; o fato de que os meios de comunicação influenciam o receptor a longo prazo; e também pontua que, embora os meios de comunicação não sejam capazes de impor pensamentos, podem influenciar, a médio e longo prazo, o público sobre o que



pensar e falar. Ele também pontua a necessidade da mediação dos meios de comunicação:

Assim, numa sociedade urbana complexa, temos necessidade da mediação dos meios de comunicação: não podemos ser testemunhas oculares das decisões do Palácio do Planalto ou do Congresso Nacional, ainda que, eventualmente, numa pequena comunidade, possamos assistir a um reunião que culmine em determinada decisão por parte do prefeito, chefe do Executivo municipal daquela comuna (contudo, com o advento do telefone, inclusive dos celulares, as práticas de *lobbying* ganharam outra dimensão inimaginável até poucos anos) (HOHLFELDT, 2008, p. 193).

Análise das reportagens nas páginas do New York Times

A seleção das reportagens para este artigo foi realizada através do *site* do New York Times (nytimes.com). Inicialmente, foram considerados apenas os eventos que marcaram a presença da Família Bonanno no Times, a partir das revelações de Joseph Valachi para o Senado norte-americano, em 1963.

Na caixa de busca do arquivo do jornal, foi colocada a seguinte frase: *Bonanno Crime Family*. Foram encontrados 32 textos que traziam os desdobramentos dos eventos considerados. Em seguida, fez-se uma busca pelos seguintes termos: *Máfia*, *Crime*, *Cosa Nostra* e *Gangue*. Com estes, podemos observar se o Times contribuiu para estereotipar o italiano como mafioso.

Deve-se observar, nas 32 matérias analisadas, que compreendem o período entre 2 de outubro de 1963 (época das revelações de Joseph Valachi) e 3 de setembro de 1980 (dia em que foi noticiado a condenação de Joseph Bonanno a cinco anos de prisão), que houve uma moderação no uso do termo que começara a ser utilizado no início da década de 1970. As reportagens estudadas neste trabalho, encontram-se, em sua maioria – a exceção das que noticiam as condenações de Joseph Bonanno e Bill Bonanno – na década de 1960.

Podemos lembrar, como contou Talese, que o Times se preocupou em evitar o uso do termo *Máfia*, devido aos protestos da Liga Ítalo-americana de Direitos Cívicos. A palavra passou a ser substituída por *família do crime organizado*.

Além disso, o jornal passou a publicar certos artigos aprovados pelo sr. Joseph Colombo. Um deles, aliás bem longo, sobre a própria Liga. Esse artigo, embora não deixasse de mencionar as acusações criminais contra Colombo, concentrou-se no crescimento da Liga, em seus objetivos, em suas campanhas de arrecadação para fins beneficentes, suas contribuições para entidades de bairros negros e hispano-americanos, seus programas de esclarecimento contra drogas e sua íntima ligação com a Liga de Defesa Judaica (TALESE, 1971, p. 465).



Os primeiros relatos acerca das organizações mafiosas datam do final do século XIX. Portanto, o termo *Máfia* já era usado antes nos jornais antes das revelações de Joseph Valachi. Entretanto, mesmo depois de Valachi ter revelado o verdadeiro nome da organização originária da Sicília – *Cosa Nostra* – a expressão *Máfia* continuou sendo utilizada de maneira predominante. A terminologia *Cosa Nostra* pode ser vista em apenas 5 das 32 matérias analisadas.

Enquanto isso, a expressão *Máfia* aparece em 26 delas, sendo que o termo aparece nos títulos de 9 matérias. Em uma delas a expressão *mafioso*, de origem latina, aparece no título ao invés de *Máfia*. *Mafioso indiciado sob a acusação de sonegação de impostos* (THE NEW YORK TIMES, 1969).¹⁰

Ainda pode-se notar o termo *Máfia* em 16 lides, como no exemplo abaixo: *O Escritório Central de Investigações cogita o misterioso tiroteio da semana passada no Brooklyn como obra da Máfia, soube-se ontem* (THE NEW YORK TIMES, 1966).¹¹

É importante notar também que as matérias do *The New York Times* são bastante claras ao relacionar a *Máfia* com o *crime*. Apesar de aparecer em apenas 4 títulos e 6 lides, a palavra é usada em 14 reportagens. Título de texto do dia 6 de janeiro de 1965 descreve essa relação: *1.500 identificados em 5 Famílias do Crime* (THE NEW YORK TIMES, 1965).¹²

Outro conceito utilizado para caracterizar a palavra *Máfia* gira em torno dos termos *gangue* e *gangster*. Mesmo sendo usados em apenas 3 títulos e 3 lides, estas palavras aparecem em 8 matérias, mostrando como a imagem do mafioso era associada na imprensa com essa definição. Um exemplo é o título de reportagem do dia 28 de abril de 1968: *Temor de que a violência da Máfia possa gerar conflito aberto entre gangues* (THE NEW YORK TIMES, 1968)¹³. Também é possível notar em uma matéria de 8 de maio de 1967, sobre a volta de Joseph Bonanno ao comando de sua família: *Joseph (Joe Bananas) Bonanno voltou a uma posição de influência e lucro na Máfia de cuja liderança lhe foi tomada dois anos e meio atrás, de acordo com agentes federais* (THE NEW YORK TIMES, 1967).¹⁴

Como outras tantas, a Guerra dos Bananas começou em 1964, após a escolha de Bill Bonanno para o cargo de *consigliere*. Não satisfeito com a escolha, Gaspar

¹⁰ Tradução livre.

¹¹ Tradução livre.

¹² Tradução livre.

¹³ Tradução livre.

¹⁴ Tradução livre.



DiGregorio, membro da Família Bonanno, procurou Steve Magaddino, chefe em Buffalo. Magaddino articulou com a Comissão Nacional para que DiGregorio assumisse a chefia dos Bonanno.

Primo Steve tinha visto minha elevação como *consigliere* como parte de um grande projeto de meu pai para se tornar um "chefe dos chefes" no nosso mundo. Por mais absurdo que esta idéia fosse, Steve estava obcecado por ela, Peter disse. Lucchese e seus aliados devem ter tomado conhecimento disso e usado Steve zelosamente para o seu próprio fim (BONANNO, 1999, p. 134).¹⁵

Entretanto, é necessário apontar a relação que o The New York Times faz entre a Guerra dos Bananas e o desaparecimento de Joseph Bonanno, em outubro de 1964. De acordo com reportagem de 28 de fevereiro de 1970, o sequestro de Joseph Bonanno deu origem à Guerra dos Bananas: *O sequestro de Bonanno, em 1964, levou à Guerra dos Bananas. Bonanno, que dizia ter conspirado contra os chefes das outras famílias mafiosas, foi marcada como um homem morto, mas, para negociar pela sua vida, abdicou do controle de seu império* (THE NEW YORK TIMES, 1970).¹⁶

O processo de paz entre as facções começou no ano de 1967. No dia 8 de maio do mesmo ano, a notícia publicada pelo The New York Times era que Joseph Bonanno estava de volta ao comando da Família: *Bonanno retoma poder em grupo da Máfia* (THE NEW YORK TIMES, 1967, p. 1).¹⁷ O texto ainda descreve que DiGregorio não teria mais força para liderar. *Ele mostrou convicção de que a comissão nacional da Máfia tinha concordado com o retorno de Bonanno porque DiGregorio se provou incapaz de controlar as diversas o império da Família* (THE NEW YORK TIMES, 1967).¹⁸

A paz entre as facções foi selada em 1968, de acordo com matéria do jornal, publicada em 24 de novembro. *Líderes da Máfia terminam com a Guerra dos Bananas* (THE NEW YORK TIMES, 1968, p. 1).¹⁹

A Guerra dos Bananas, que contabilizou pelo menos seis assassinatos aqui e em outros tiroteios e bombardeios no Arizona, teve paz negociada entre os lados com base na redistribuição de áreas na região metropolitana de Nova York, controlada por Joseph (Joe Bananas) Bonanno (THE NEW YORK TIMES, 1968, p. 1).²⁰

¹⁵ Tradução livre.

¹⁶ Tradução livre.

¹⁷ Tradução livre.

¹⁸ Tradução livre.

¹⁹ Tradução livre.

²⁰ Tradução livre.



Conclusões

Chegou-se à conclusão de que o The New York Times contribuiu para reforçar o estereótipo do italiano como mafioso a partir do uso da palavra *Máfia*. Explica-se: apesar de a referência à Itália ter aparecido em apenas duas reportagens, o termo reforçou uma imagem que o fato de o crime organizado era de responsabilidade dos italianos. Analisando as diretrizes editoriais do jornal, que procurava não fazer distinções de etnia e religião, o Times não seguiu suas próprias regras. O caso de não distinguir os judeus de outras etnias no jornal (TALESE, 1971) – administrado por uma família judaica – é um exemplo.

Podemos observar esta característica pela questão que envolveu os imigrantes no caso da morte do Capitão Dave Henessy, além da construção racista da figura do italiano, explicada por Bertonha e Lippmann.

O preconceito gerado contra os italianos, a partir da Máfia, ficou latente com os protestos da Liga Ítalo-Americana de Direitos Civis, no início da década de 1970.

O velho Colombo, que via no filho um jovem empresário legítimo que estava sendo vitimado por uma armação, organizou uma passeata em Manhattan. Os manifestantes fizeram um protesto diante da sede do FBI, na rua 69 com a Terceira Avenida, levando faixas e gritando palavras de ordem, segundo as quais as autoridades de segurança estavam praticando uma vendeta contra os ítalo-americanos, difamando todo um grupo étnico patriota e cumpridor da lei, ao usar palavras como *Máfia* e *Cosa Nostra* (TALESE, 1971, p. 460).

O próprio Times acaba assumindo seu papel na criação deste estereótipo, quando resolve por abdicar do uso do termo *Máfia*, atendendo aos protestos. O jornal, inclusive, publicou artigos de Joseph Colombo, ironicamente um mafioso que comandava a Liga ítalo-Americana de Direitos Civis:

Além disso, o jornal passou a publicar certos artigos aprovados pelo sr. Joseph Colombo. Um deles, aliás bem longo, sobre a própria Liga. Esse artigo, embora não deixasse de mencionar as acusações criminais contra Colombo, concentrou-se no crescimento da Liga, em seus objetivos, em suas campanhas de arrecadação para fins beneficentes, suas contribuições para entidades de bairros negros e hispano-americanos, seus programas de esclarecimento contra drogas e sua íntima ligação com a Liga de Defesa Judaica (TALESE, 1971, p. 465).

Referências

BONANNO, Bill. **Bound by Honor: A mafioso's story**. New York: St. Martin's



Paperbacks, 1999.

BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005

GAGE, Nicholas. **A Máfia não perdoa**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

HOHLFELDT, Antônio, MARTINO, Luiz, FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LUPO, Salvatore. **História da máfia: Das origens aos nossos dias**. São Paulo: Unesp, 2002.

MAAS, Peter. **Os segredos da Cosa Nostra**. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

GALLO, Max. **Máfia s.a.** Rio de Janeiro: Cedibra, 1973.

TALESE, Gay. **Honra teu pai**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

TALESE, Gay. **O reino e o poder**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

THE NEW YORK TIMES. 02/10/1963 a 03/09/1980.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.